



Assistência Social

CRISE À VISTA!

— Alderon Costa

“Prefeito, não é legal, esse descaso com a Assistência Social!”. Com esse grito contra o corte no orçamento da Assistência Social do município de São Paulo, mais de 500 pessoas de organizações sociais realizaram, no dia 8 de dezembro, uma manifestação que teve início em frente à Prefeitura. Em seguida, os participantes passaram pela Secretaria Municipal de Assistência e Desenvolvimento Social (Smads) em direção à Câmara Municipal, onde foram impedidos de entrar pela Polícia Militar. Depois de muita negociação, uma comissão conseguiu entrar para tentar uma audiência com o Presidente da Câmara que não a atendeu.

Segundo Maria Guadalupe Lara, coordenadora pedagógica do Centro Dom Oscar Homero, “é muita burocracia, muita fiscalização e isto deixa pouco tempo para trabalhar a pessoa humana”.

Para Willian Lisboa, da coordenação do Fórum de Assistência Social da cidade de São Paulo, nossa reivindicação é a recomposição do orçamento da Assistência Social, previsto para R\$ 480 milhões, mas já houve um corte de R\$ 160 milhões. Neste ano, só foram executados 321 milhões e isto é um retrocesso. Além do valor cortado, destaca Lisboa, é preciso levar em consideração o dissídio salarial de 8%, a reposição da inflação e a questão da ampliação dos serviços. “Vai encolher o orçamento de algumas organizações para dizerem que continuam atendendo os mesmos números, afirmou Lisboa.

Para Mabel Garcia, da Associação Evangélica Brasileira (AEB) a presença nessa manifestação é porque estão na



Fotos: Alderon Costa

mesma situação das demais que sofrem com o descaso de uma política injusta e remuneração que não cobre as despesas do trabalho que precisa ser executado. “A nossa proposta é que tenha um orçamento realista e que não seja cortado por que as necessidades de São Paulo são muito grandes”, disse Mabel.

Para o vereador Paulo Frange (PT), o corte do orçamento é grave e não é só com a Assistência Social.

“Se já tinha problemas na Assistência, pior agora”, declarou o vereador. Para ele é importante a manifestação e o acompanhamento pelos movimentos sociais para que se evitem outros cortes.

Anderson Lopes, do Movimento Nacional da População de Rua disse que é preocupante esta situação porque, segundo ele, já se tem um aumento da população de rua e a Assistência Social deveria

ser a primeira atenção de um governo e o que está se vendo é que ela é a última.

Segundo nota da Smads, “o orçamento proposto pela Prefeitura para esta secretaria em 2009 é de R\$ 647 milhões, ou seja, R\$ 32 milhões a mais que em 2008 (R\$ 615 milhões). Se o orçamento é maior, a informação divulgada pela entidade denominada Fórum de Assistência Social (FAS), durante

manifestação ocorrida nesta segunda-feira (dia 8/12), está errada. O mesmo ocorre com a alegada ‘redução’ no número de atendimentos, que não encontra amparo na simples aritmética.

Por fim, é importante lembrar que o regime democrático prevê a divisão de poderes e neste momento a proposta orçamentária tramita na Câmara Municipal; ao Executivo cabe esperar sua aprovação final”.



No meio do caminho, Assistência Social no lixo

Assim que a manifestação passou pela Smads, foram encontradas caixas da revista “Ação Família”, Boletim da Assistência Social e outras publicações junto aos sacos de lixo. Os manifestantes ficaram indignados com o descaso com o dinheiro público e prometeram pedir explicações à Secretaria, por meio do Ministério Público. Segundo a Assessoria de Imprensa da Smads, o secretário instalou sindicância para apurar o caso.

Natal Solidário de 2008

Tema: “Respeitar as pessoas em situação de rua é uma exigência dos Direitos Humanos”

Convidamos você para que juntos possamos realizar o Natal Solidário promovido pelos Movimentos da População de Rua neste ano em que se comemoram os 60 anos da Declaração Universal dos Direitos Humanos. Este será um encontro entre pessoas em situação de rua, organizações sociais, movimentos sociais, gestores públicos, amigos e todos os cidadãos interessados na confraternização, na solidariedade e na crença de que um mundo melhor é possível!

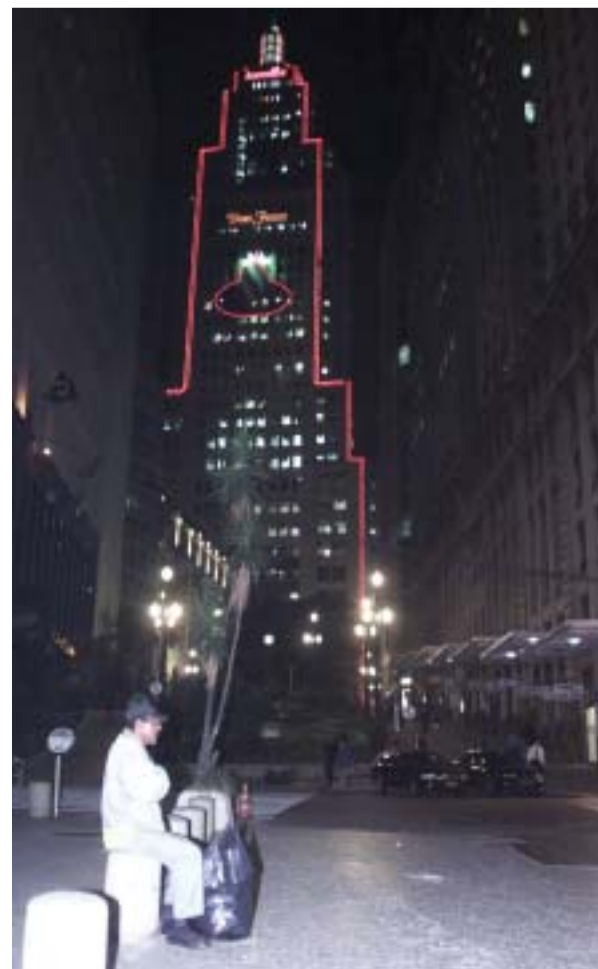
Estamos programando várias apresentações musicais e coral e outras atividades como a confecção de cartões e a montagem coletiva de árvore de Natal.

Data: 24 de Dezembro
Horário: 10 às 17 horas

Local: Praça da Sé

Não fique sozinho, venha para essa confraternização solidária.

Comissão organizadora.



EDITORIAL

Diálogo na crise

Falar em crise para quem está em situação de rua é complicado, pois quem chega a ficar na rua é porque já passou por muitas crises ou foi pego por alguma. Mas, como se diz por aí sempre pode ter algo pior na frente.

Ao contrário do que falam os políticos, a crise está chegando sem ninguém falar que ela está bem próxima de cada um nós. Escrevo sobre a Crise e não somente sobre as crises advindas da má gestão pública, que também faz seus estragos.

A primeira demonstração da Crise, aquela que tem origem no berço do capitalismo – nos EUA – e que se espalhou pelo mundo como um vírus na internet, chegou a São Paulo na forma de corte no orçamento de 2009 da Assistência Social. O corte pode chegar a mais de dois milhões de reais. Segundo o Fórum da Assistência Social, o corte só na Assistência Social pode chegar a 162 milhões. Esses valores são contestados pela Smads que não explica na nota porque ainda não deram o reajuste do dissídio e a reposição da inflação.

Na realidade, a crise já chegou!

O que vem daqui pra frente são os aumentos: da população de rua, das reclamações da qualidade dos serviços e das manifestações.

É visível o descaso do poder público, ou melhor, do Poder Executivo, tanto a Prefeitura como a Smads, e do Poder Legislativo, no caso a Câmara Municipal de São Paulo que não deram a mínima atenção à manifestação das organizações sociais.

Na Câmara Municipal, sob um sol de 36°, os manifestantes foram recebidos por policiais militares protegidos por grades e só podia entrar de dois em dois para usarem o banheiro. Enquanto os dois não voltavam ninguém mais podia entrar.

Segundo o capitão Ricardo, assessor da Presidência, a missão deles era garantir a ordem. Desde quando uma manifestação pacífica é desordem numa sociedade democrática? O pior é a insensibilidade dos vereadores para estas questões. Para não dizer que não teve nenhum vereador presente, apareceu o vereador Paulo Frange, que também não pôde fazer nada pelos manifestantes.

Onde vamos com essa falta de diálogo? Será que este governo não percebe que a base de uma sociedade democrática são espaços de diálogo, mesmo onde haja discordância?

Neste sentido, fica o desafio para a nova gestão da Prefeitura, em particular da Smads: abrir espaços de real participação e diálogo. As organizações estão abertas, pois são elas que estão na ponta dos serviços. Sem esse diálogo a tendência é piorar os serviços.

Nesta edição, publicamos várias matérias que vão nesta direção.

Do Rio de Janeiro, são notícias sobre o “5º Seminário sobre População em Situação de Rua: Bases da Política Pública no Estado do Rio de Janeiro”. Segundo Jorge Muñoz, citado por Cleisa Rosa, “a política pública se constrói no diálogo entre governo e sociedade e este seminário faz parte dessa caminhada”.

Da Argentina, vem a experiência das pessoas que passaram pela grande crise de 1999 a 2002 e tiveram na catação de material reciclado uma de suas saídas. Em entrevista com muitas informações, Arlindo Dias nos apresenta Débora Gorbán, estudiosa no assunto, que fala sobre a realidade e luta dos catadores na cidade de Buenos Aires.

A Crise é o tema da atualidade, principalmente, no sentido de diminuir seu impacto nos mais pobres, pois se a classe média vier para rua, quem sabe alguém olha para ela com mais cuidado.

Não queremos, também, estragar a festa e a alegria desse momento que para a maioria tem um sentido de encontro, de alegria e de esperança. Aproveitamos para fazer das palavras da Rose, os desejos de toda equipe do *O Trecheiro*: “...a nossa esperança no POSSÍVEL é feita também de nossa força, fibra e de nossos enfrentamentos diários e o nosso Natal vem sendo construído, um pouquinho cada dia, no cotidiano de nossas lutas e resistências.”

O que não se vê...

O Natal Solidário e a esperança do possível!

— Rose Barboza

Sempre ouvi dizer que a esperança para existir precisa de outro alimento para além da realidade. Ela precisa desenhar nos sonhos algo maior do que aquilo que nos rodeia todos os dias. Assim, como os sonhos, a esperança não pode ficar parada, está em movimento constante. E, como nos sonhos, a esperança não consegue se acostumar com a privação. Seria fatal para qualquer ser humano se ver carente de esperança e de sonhos.

Mas, o que será que une o Natal Solidário organizado pela população em situação de rua de São Paulo à esperança e aos sonhos? Uma só palavra: tudo.

A própria idéia do Natal Solidário é uma aposta na esperança do possível, fundada na crença de que, mesmo aquilo que não podemos ver ou medir concretamente como, por exemplo, a solidariedade, é componente suficientemente forte para mobilizar centenas de pessoas em torno de uma causa comum. Contudo, esses não são os únicos ingredientes necessários para que se organize uma festa como essa.

Além da solidariedade, a transgressão é outro elemento indispensável. Transgredir é ocupar o espaço e como festa natalina, em plena Praça da Sé, no dia 24 de dezembro. Transgredir é questionar os “códigos” e se apresentar como coletivo responsável por tal organização. É marcar presença na cidade e fazer escolhas, isto é, transgredir a própria condição atribuída pela sociedade e se colocar como sujeito.

Talvez seja este, o aspecto mais



Fotos: Alderon Costa

interessante do Natal Solidário. Para além da festa em si, da simbologia da data, do desejo da confraternização, da resistência ao desamparo, à alienação e ao abandono, o Natal Solidário nos mostra algo de muito importante. Ele nos aponta que é possível aumentar o limites da nossa realidade cotidiana, para a realização das nossas esperanças que residem naquele pedacinho de mundo que ainda não ocupamos completamente.

Poderíamos falar aqui dos processos agressivamente excludentes colocados em marcha no centro da cidade de São Paulo pelos atuais donos do poder. Poderíamos falar das ações higienistas a que a cidade vem sendo submetida diariamente. Poderíamos falar, também, das atitudes truculentas e violentas da polícia que, em anos anteriores, transformaram a festa do Natal Solidário em pesadelo e a Praça da Sé em um ringue ao ar livre.

Mas, preferimos falar que no meio de tudo isso residem pessoas, sonhos e esperanças e, por isso mesmo, preferimos falar daquilo que acontece como resistência silenciosa que vence todos os dias, porque desafia o abandono e a exclusão. Preferimos falar que, além daquilo que vemos como desigualdade, injustiça, discriminação, exclusão e preconceito, as pessoas em situação de rua costumam fixar seu olhar na terra da esperança, ampliando seus horizontes para um mundo de solidariedade e criando no presente aquilo que se desenha como promessa de futuro.

Esperemos que, neste Natal Solidário, possamos compreender um pouco mais aquilo que não se vê e estejamos preparadas e preparados para lutar com a esperança do POSSÍVEL, que é feita também de nossa força, fibra e enfrentamentos diários porque nosso Natal é construído, um pouquinho a cada dia, no cotidiano de nossas lutas e resistências.

Fórum de Debates sobre a População em Situação de Rua

Na comemoração dos cinco anos de existência do Fórum de Debates sobre a População em Situação de Rua, discutiu-se a importância deste espaço na aproximação entre professores, estudantes, pesquisa-dores, trabalhadores sociais e pessoas em situação de rua para discussão das políticas públicas e formação comprometida com a efetivação dos seus direitos sociais.

Dando continuidade a seu compromisso de formação e troca de experiências, o Fórum de Debates

encerra este semestre com o convite a todos e a todas para a apresentação dos resultados da dissertação de mestrado de Debora Galvani com o tema: “Pessoas em situação de rua na cidade de São Paulo: itinerários e estratégias na construção de redes sociais e identidades”, apresentada à Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo em 2008.

Debora Galvani, professora de TO (Terapia Ocupacional) da USP, demonstrou disponibilidade e interesse na apresentação de seu

trabalho e a presença de vocês é fundamental neste momento também de encerramento das atividades deste ano.

Data: 20 de dezembro

Horário: às 14 horas

Tema: “Pessoas em situação de rua na cidade de São Paulo: itinerários e estratégias na construção de redes sociais e identidades”

Local: Salão Comunitário da Moradia Provisória OAF - Rua dos Estudantes, 549 - Glicério (Metrô Liberdade)

AA nos albergues

No Centro de Acolhida Pousada da Esperança, são realizados encontros de ajuda-mútua do AA às segundas, quartas e sextas, às 19 horas, na Rua Isabel Schmidt, 489 em Santo Amaro. Segundo, Beto, voluntário do AA no Centro de Acolhida, o álcool

antes de matar, ele humilha e o trabalho desenvolvido pelos núcleos do AA pode ser uma oportunidade de esperança.

Se você quer parar de beber entre em contato com a Central de Atendimento dos Alcoólicos Anônimos. Você vai falar com

pessoas que também já tiveram essa experiência e conseguiram superar. Quem sabe elas podem lhe ajudar! O atendimento é totalmente gratuito.

Se você está longe dessa região, procure a Central de Atendimento: 3315-9333 para consultar os endereços de núcleos mais próximos.

Consulta Pública

O prazo da Consulta Pública da “Política Nacional para Inclusão Social da População em Situação de Rua” foi prorrogado. O documento ficará disponível, para o público em geral, até o dia 30 de janeiro de 2009 no site o Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (www.mds.gov.br).

As propostas e críticas devem ser encaminhadas para o e-mail consultapublica-pse@mds.gov.br ou para a Secretaria Nacional de Assistência Social (SNAS), Esplanada dos Ministérios, Bloco C, sala 626, CEP 70.054-900, Brasília (DF) dentro do prazo estipulado.

O documento “Política Nacional para Inclusão Social da População em Situação de Rua” está, também, no site da Rede Rua.

apoio



www.paulus.com.br • (11) 5084-3066

Comunicação a serviço da verdade

O Trecheiro

Notícias do Povo da Rua

CONSELHO EDITORIAL:
Arlindo Dias
Cloves Costa

EQUIPE DE REDAÇÃO:
Alderon Costa
Arlindo Dias
Cleisa Rosa
Rose Barboza
REVISÃO:
Cleisa Rosa

FOTOGRAFIA:
Alderon Costa

DIAGRAMAÇÃO:
Cloves Costa

EQUIPE DE APOIO:
Argemiro Almeida
Andreza do Carmo

IMPRESSÃO:
Forma Certa
5 mil exemplares



REDE RUA
DE COMUNICAÇÃO

Rua Sampaio Moreira, 110 - Casa 9 - Brás - 03008-010 - São Paulo - SP
Fone: (11) 3227-8683 - 3311-6642 - Fax: 3313-5735
www.rederua.org.br - E-mail: rederua@uol.com.br

Encontro de pessoas que lutam por direitos

— Cleisa Rosa

No dia 18 de novembro, foi realizado o “5º Seminário sobre População em Situação de Rua: Bases da Política Pública no Estado do Rio de Janeiro”, num amplo auditório da OAB no Rio de Janeiro. Esse encontro, promovido pelo Fórum Permanente sobre População Adulta em Situação de Rua (RJ), contou com, aproximadamente, 220 pessoas ligadas a organizações sociais, na sua grande maioria, profissionais que trabalham em instituições públicas e pessoas com trajetória de vivência nas ruas e albergues. Os participantes vieram de várias cidades do Estado do Rio de Janeiro: Rio de Janeiro, Caxias, Macaé, São Gonçalo, Niterói, São João de Meriti, Rio das Ostras, Nova Iguaçu, Campos de Goytacazes, Nilópolis, Petrópolis, Teresópolis, Barra do Pirai e Volta Redonda.

Na abertura, Jorge Vicente Muñoz, estudioso de longa data sobre a população de rua e um dos

fundadores e incentivadores do Fórum Permanente do Rio de Janeiro deu as boas-vindas. Fez um resgate da história do Fórum desde sua fundação, enfatizou a presença de todos na construção do Fórum e o rico material de reflexão que acumularam nesses oito anos de trabalho.

Em sua fala, Jorge destacou o que julga fundamental entre os integrantes desse fórum: “Somos companheiros, porque nos alimentamos do mesmo pão. E que pão é esse? É um sonho que temos. Um horizonte que nos faz caminhar na vida e manter viva nossa esperança. Nosso sonho é de uma sociedade diferente em que os processos de exclusão não continuem a vitimar as pessoas”.

Este seminário teve por objetivo aprofundar e sugerir propostas ao documento “Política Nacional para Inclusão Social da População em Situação de Rua”, a serem enviadas ao governo federal. Segundo Jorge Muñoz, a política pública se constrói no diálogo entre governo e sociedade

e este seminário faz parte dessa caminhada.

Entre os presentes via-se muita amizade, descontração, seriedade e vontade de participar. Eduardo Monteiro, usuário da Comunidade Emaús apresentou sua poesia “Meu nome é Fadiga” e emocionou a todos.

O Ministério de Desenvolvimento Social e de Combate à Fome esteve representado por Valéria Gonelli, que expôs a importância da participação de todas as cidades na elaboração da “Política Nacional para Inclusão Social da População em Situação de Rua. Informou que no início do próximo ano será realizado um encontro nacional para finalização da proposta com representantes das diferentes cidades brasileiras.

Houve apresentação de experiências em mesa coordenada por Hilda Corrêa Oliveira, participante do Fórum Permanente. À tarde, os presentes dividiram-se em grupos de trabalho e apresentaram síntese das propostas em assembléia.

Marcelo Jaccoud da Costa, participante do Fórum Permanente encerrou o Seminário com agradecimentos a todos e fez uma leitura de um documento do Eduardo Monteiro seguido da apresentação de Josemar Castro, da Comunidade Emaús, que homenageou as mulheres com o canto “Tributo a Ciata”.

Por fim, o Coral da Associação Solidários Amigos de Betânia (ASAB), fundada pela Irmã Maria Elci Zerma e que realiza importante trabalho no trato da dependência

química, da cidadania e reeducação para o trabalho fez uma apresentação.

Este encontro deu mostras de como a união, persistência e participação democrática são aspectos fundamentais no fortalecimento da luta para conquista dos direitos sociais das pessoas em situação de rua.

Mais informações:
www.blogdarua.com/
www.betaniasab.org.br/ (ASAB)

O Fórum Permanente sobre População Adulta em Situação de Rua é uma instância de acompanhamento e reflexões sobre as ações desenvolvidas com a população em situação de rua formada por representantes de organizações da sociedade civil, majoritariamente, e representantes dos governos municipal e estadual no Rio de Janeiro.

Inicialmente (2002), como Rede Solidarietà, depois Comissão Permanente de Monitoramento da Política de Assistência à População em Situação de Rua. Em 2006, essa comissão se transformou no Fórum Permanente sobre População Adulta em Situação de Rua, dando continuidade ao aprofundamento das diversas questões levantadas em oito anos de atividades.

Fotos: João Bosco de Paula e Silva



Jorge Muñoz e relatores apresentam os resultados das discussões nos grupos de trabalho



Com apoio de Eduardo Monteiro, Josemar Castro canta "Tributo a Ciata"

Direto da Rua

MEU NOME É FADIGA

Meu nome é fadiga.
É, e já estou cansado só em falar!
Eu me chamo fadiga.
É o nome que achei que podia me dar.

Eu me chamo fadiga
Porque desde o meu nascimento,
Em meio ao sofrimento,
Venho a causar fadiga.

Minha mãe fadigou,
Quando eu nasci, ela se cansou.
Embora alegria pela criança,
Criando uma esperança, ela se cansou.

Meu nome é fadiga.
Minha mãe dormiu cansada,
Com aquela criança enrolada,
Com aquela criança fadigada.

E assim começa...
Causando cansaço a quem me cerca!
E eu sem muita pressa,
Canso quem mesmo não me peça

Meu nome é fadiga
Estou tão cansado dessa vida!
Não canto nem mesmo uma cantiga,
Que me alivie desta vida.

O meu viver é tão triste!
Eu queria que meu destino Deus acabasse,

Meu mapa traçado, Ele apagasse
Desse fardo me aliviasse.

Meu nome é fadiga.
Pois minha alma já morreu.
Vivo uma vida falida,
Vivo como alguém que já viveu.

Ando, ando e procuro
Aquele sonho que tive quando criança,
Mas vivo como que no escuro,
Sem mesmo uma esperança.

Meu nome é fadiga.
E choro por não descansar,
Pois não encontro um lugar
Que me dê guarida.

As lágrimas que caem de meus olhos,
Molham regando meu corpo,
Este corpo tão cansado de caminhar
Por essas estradas de fogo.

É! mas tenho que ir,
A um lugar tão distante daqui,
Tão distante de mim.
Ando, eu vou, sem parar,
Mas tão cansado de caminhar!
É, meu nome é fadiga.

Autor: Eduardo Augusto Monteiro da Silva –
usuário da Agência Comunidade de Emaús.

A Comunidade de Emaús é um dos projetos do Banco da Providência, organização não governamental do Rio de Janeiro (Avenida das Missões, 18 - Bairro Cordovil). Esse trabalho atende homens em situação de risco social, moradores de rua e egressos do sistema penal com apoio para acesso aos direitos básicos: documentação, assistência em saúde e controle de drogas, escolaridade, capacitação para o trabalho, aumento da renda e autonomia para morar fora das ruas. Mais informações: www.providencia.org.br/emaus.htm

Direto da Rua

“QUE TUDO SE REALIZE NO ANO QUE VAI NASCER”...

O que o Natal traz pra você?
Lembranças boas? Saudade? Alegria? Dor?
Que sensações, o que significa Ano-Novo?
Para mim, o Natal traz boas recordações.
Faz lembrar dos amigos, da família, do lar que um dia tive.
Que tipo de sentimento te impulsiona o fim de ano?
Amor? Ternura? Raiva? Rancor? O que...?
Se amor e ternura, que bom! Viva esses sentimentos.
Se ódio e raiva, chora, grita, mas no final, perdoa,
Peça perdão a si mesmo e aos outros. Isso é bom demais!
Traz paz, alegria e a cura do corpo e da alma.
Natal é nascimento, é vida que começa.
O Ano-Novo pode ser realmente bom!
Não sei se pra você esse ano de 2008 foi árduo.
De repente, as coisas não aconteceram como você pensava.
Melhor, é talvez?
Pudesse ter sido... se as autoridades tivessem...
Sabia que em 2006, a União Européia doou 40 milhões de reais para a inclusão social no centro de São Paulo?
Da Secretaria da Habitação foi pra Assistência e Desenvolvimento Social pra gerar trabalho e renda
Pras pessoas em alto risco de vulnerabilidade social.
E desse valor, dezenove milhões já foram gastos.
Calma! Sei que não serve de consolo,
Mas seja forte, tenha a santa paciência,
Levanta a cabeça e parta pra luta.
Depois a gente cobra deles uma boa explicação.
Por hora, vamos acreditar que as coisas mudam.
É tempo de sonhar, se permita sonhar, sorria, É Natal!

E vamos pedir um presente extra pra 2009:
Que a União Européia intervenha a nosso favor,
Ao invés de levar os 21 milhões de volta.
Tem mais essa, São Paulo pode perder o restante do valor destinado.
O dinheiro vai pra outro país, para outra cidade que esteja precisando.
Peraí!
Você tá em situação de rua, então a gente tá precisando, ué?
Tomara que nos enxerguem e escutem
Os que tão morando na rua, em cortiços, os sem-teto.
A gente podia, quem sabe...
Conhecer o programa, rever o projeto,
Restaurar patrimônios públicos, cuidar dos jardins,
Aprender novas tecnologias, nos atualizar,
Qualificar aquilo que já sabemos fazer.
Erguer paredes, pintar, soldar, lavar pratos, virar garçom.
A Prefeitura pagar o catador pela coleta do lixo.
Poderíamos cuidar bem melhor da cidade,
De nós mesmos, conquistar autonomia.
É isso! Depois a gente fala melhor disso.
Cada coisa a seu tempo!
Agora é o tempo de se abraçar, de se alegrar, celebrar a vida.
Neste ano, quero paz no meu coração.
Quem quiser ter um amigo, que me dê a mão.
O tempo passa e com ela caminhamos todos juntos sem parar...
A você e a todos os seus, nossos votos sinceros!
UHUUU!!! Feliz Natal! Feliz 2009!

Autor: Sebastião Nicomedes, escritor

Catadores na Argentina:

O “Trem Branco”, as carroças e a luta pela sobrevivência

— Arlindo Pereira Dias

A atual crise do mercado financeiro internacional pôs a nu a falácia do mercado como regulador de si mesmo. Os mesmos senhores que há duas décadas diziam que o mercado era o regulador automático das relações econômicas e sociais, hoje se dão conta da irresponsabilidade e da catástrofe que geraram no planeta. A iniciativa privada é tão incompetente quanto a estatal quando não se deixa regular por princípios e normas que favoreçam melhores condições de vida para todos os cidadãos e cidadãs.

Um dos exemplos disso é a realidade dos catadores na Argentina. As modificações no mercado de trabalho provocadas pela implementação do pacote de políticas neoliberais implicaram em mudanças na distribuição e mesmo na destruição de muitos postos de trabalho.

O mercado de trabalho está empobrecido, os salários são baixos e há altas taxas de desemprego e um grande número de ocupações precárias e informais. A desigualdade nos salários, a concentração do capital e a financeirização da economia acabaram por reduzir o acesso a empregos de verdade.



Catadores aguardam o “Trem Branco” para o transporte de suas carroças, no detalhe Débora Gorbán

Ao mesmo tempo, aumentaram as atividades ligadas à sobrevivência, com baixas remunerações e proliferaram os trabalhos na rua como resultado da imensa criatividade dos pobres quando se trata da luta pela vida.

Os pobres, por sua vez, sempre encontram parceiros entre os que fazem de sua investigação uma

contribuição a uma sociedade mais justa e solidária. A doutoranda Débora Gorbán, da Universidade de Buenos Aires realizou um importante estudo sobre os recicladores de distintos tipos na localidade de José León Suárez, na zona norte de Buenos Aires.

Diariamente, este grupo de

recicladores utilizava-se de um serviço de estrada de ferro que ficou conhecido como o “Trem Branco”. A empresa privada que possui a concessão desse ramal ferroviário lhe cobrava por mês ou por quinzena uma taxa para transportar suas carroças. Assim, este grupo de 400 pessoas criou várias formas

organizativas ao redor do trem. Uma das condições da empresa foi contar com representantes do grupo de catadores que fossem interlocutores entre o grupo e a empresa.

Nisso, as mulheres tiveram um papel fundamental como delegadas, encarregadas de organizar a viagem das pessoas e das carroças nos vagões do trem; controlar conflitos; garantir um lugar para cada carroça inscrita; além de supervisionar o pagamento das taxas. Tudo tinha a ver com a organização do trem como espaço de trabalho, que se assemelhava aos cuidados do lar. As responsabilidades assumidas pelas mulheres eram vividas por elas e vistas pelos demais como tarefas necessárias e importantes para o funcionamento do trem.

Infelizmente, no final de 2007, a empresa concessionária suspendeu este serviço fundamental para a organização e trabalho cotidiano. Os catadores, entretanto, continuam sua luta pelo reconhecimento de seu espaço e trabalho e como contribuição à sociedade.

Na entrevista, a seguir, Débora Gorbán fala um pouco mais da realidade e luta dos catadores na cidade de Buenos Aires.

Passar de “políticas para os pobres” a “políticas produtivas”

O Trecheiro: Qual é a atual situação dos catadores na Argentina e o que gerou esta demanda?

Débora: Embora a atividade que as pessoas realizam – hoje chamadas de catadores –, esteja presente na cidade de Buenos Aires desde o final do século XIX, nos últimos 10 anos ela adquiriu outra visibilidade no espaço público e urbano. O número de pessoas, homens, mulheres, crianças e, muitas vezes, famílias inteiras, percorrendo as ruas da cidade em busca de resíduos, cresceu substancialmente entre 1999 e 2002. Mesmo que não fosse algo “novo” recorrer ao “lixão” como estratégia de sobrevivência, passou a ser pelo desemprego, uma nova forma de trabalho e de vida e de forma mais ou menos permanente.

Se de um lado, a reciclagem de lixo é fonte de recursos para muitos, por outro lado, mesmo existindo uma indústria da reciclagem, as mudanças ocorridas depois da crise de 2001, significaram um maior dinamismo e crescimento para este setor, e nesse sentido uma maior demanda das empresas por este tipo de insumo. Deste processo, cooperativas e organizações de catadores se formaram com um apoio muito forte de universidades, militantes sociais e políticos e outras organizações sociais nos anos posteriores a 2001.

Esse processo organizativo significou a configuração, pela primeira vez, de um setor de recicladores que têm presença ativa e política na cidade e nos espaços institucionais com uma série de disputas políticas por seu reconhecimento como trabalhadores e sujeitos de direito. Até a sanção da Lei nº. 992, em 2003, a coleta de lixo na via pública era considerada um delito em Buenos Aires.

Atualmente, grupos de catadores travam uma dura luta na cidade, em torno de um novo contrato de licitação para o serviço de coleta de lixo em

que se confrontam grandes interesses econômicos ligados ao “negócio do lixo”. Nesse marco, as organizações lutam não apenas para poderem continuar trabalhando na cidade, mas também reivindicam um programa estatal de reciclagem, que permita sustentar a construção e a manutenção de centros verdes; logística para a transferência de materiais; segurança social e

aposentadoria; incentivos econômicos para todos os recicladores urbanos que trabalham nas ruas, entre outros.

O Trecheiro: Quais são as principais dificuldades enfrentadas pelos catadores na Argentina?

Débora: Uma das grandes dificuldades dos catadores é a continuidade de sua tarefa diária para

não serem expulsos da cidade. Outra é o medo que volte a proibição da coleta seletiva. Hoje, ainda que tenham conseguido algumas conquistas pequenas, também se enfrentam com os interesses dos poderosos que os vêem como concorrentes ao negócio do lixo na cidade. Por outro lado, também enfrentam preconceitos, discriminações e maus-tratos.

Ao mesmo tempo, e talvez por

causa disto, muitos catadores procurem estabelecer bons vínculos com os vizinhos e comerciantes dos bairros onde realizam seus trajetos diários, já que estes são elos fundamentais na separação dos materiais. Eles colaboram para que esta tarefa seja menos dura, principalmente, evitando o contato com substâncias perigosas nos resíduos.

O Trecheiro: Quais as saídas para esta problemática?

Débora: Não se trata apenas de encontrar uma resposta adequada à atividade dos catadores, mas ela é uma problemática maior que tem que ver com o desenvolvimento de um país, com o lugar que ele atribui ao trabalho, à educação e qual o tipo de sociedade que estamos buscando. Creio que não se trata de pensar soluções que impliquem mais remendos para os problemas sociais, econômicos e políticos, mas sim soluções que tenham a ver com o desenvolvimento de nossos países latino-americanos.

Não está em questão construir apenas galpões que juntem resíduos e os vendam e que dêem trabalho, mas sim pensar propostas de políticas integrais, onde se aposte no desenvolvimento e fortalecimento de empreendimentos ligados à coleta, recuperação e reciclagem de lixo. Essas experiências não devem ficar fora da produção nacional, porque são empreendimentos produtivos sérios, que oferecem oportunidades e fazem parte de uma rede social e produtiva mais ampla.

Sem dúvida, uma possível solução não pode vir isolada de uma série de reformulações de outro tipo de políticas como as educativas, as de moradia, as de saúde, entre outras. Talvez pareça ambicioso em termos de saídas possíveis, mas sinceramente não creio que se possa continuar pensando em soluções se o Estado continua fazendo distinção entre “políticas para os pobres” e “políticas produtivas”.



Carrinhos utilizados pelos catadores em Buenos Aires